

FEIRA LIVRE DE MUTÃS: HISTÓRIA, COMERCIALIZAÇÃO E COMPARTILHAMENTO DE SABERES

Maisa Lopes da Silva

E-mail: maisalopes008@gmail.com

Alessia Costa Silva Reis

Amélia Eduarda Pereira Brandão Lima

Maria Clara Silva Teixeira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XII

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer o contexto histórico da feira livre do distrito de Mutãs, Guanambi – BA, sua relação e contribuição para a comunidade mutanense, bem como compreender de que modo transcorre o processo de interação e produção de saberes neste espaço. Para o desenvolvimento deste estudo, recorreu-se a pesquisa de cunho qualitativo, em que foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista informal. Como embasamento teórico, usamos Savoldi e Cunha (2010); Almeida (2009); Mascarenhas e Dolzani (2008); Freitas, Fontes e Oliveira (2008), além de outros teóricos que discutem sobre as relações de sociabilidade que permeiam as práticas das feiras livres. Logo, verificamos que a feira de Mutãs foi um espaço de intensas relações comerciais entre as cidades e as regiões vizinhas, e que atualmente, continua desempenhando um papel importantíssimo para o comércio local, haja vista que é fonte de renda para as famílias, principalmente para as que trabalham com a agricultura familiar. Além disso, a feira constitui-se para além da ação comercial, haja vista as relações de sociabilidades, encontros, lazer e aprendizagem entre os (as) feirantes e fregueses (as).

Palavras-chave: Feira livre. Mutãs. Comercialização. Saberes.

1 INTRODUÇÃO

A feira livre no Brasil integra uma categoria, de comércio varejista ao ar livre, de frequência semanal, organizada como serviço de benefício público pelo município e direcionada para a distribuição local de alimentos e mercadorias essenciais. Herança até certo ponto da tradição ibérica (também de raiz mourisca), logo depois misturada com costumes africanos, está presente na maior parte das cidades brasileiras. Executam ainda hoje papel importante no que se refere ao fornecimento urbano, apesar das políticas públicas divergentes que tiveram de enfrentar nos últimos 30 anos. (MASCARENHAS, DOLZANI, 2008). Ademais, percebe-se que as feiras livres são fundamentais para a dinâmica social, não somente no que concerne à comercialização de produtos, mas principalmente, nas relações entre pares, nas trocas de saberes, experiências e vivências dos indivíduos que ali atuam e frequentam. Nesse sentido, este trabalho desenvolvido no Componente Curricular Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica II, ministrado pelo professor Domingos Rodrigues da Trindade no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus

XII, tem como objetivo analisar o contexto histórico da feira livre do distrito de Mutãs, Guanambi - BA, a sua relação e contribuição para a comunidade mutanense, bem como compreender de que modo transcorre o processo de interação e produção de saberes neste espaço. Logo, parte-se dos seguintes questionamentos: Como e quando foi instituída a feira livre do distrito de Mutãs? Quais saberes são produzidos neste espaço? Qual a sua importância para a população mutanense? Para fundamentação teórica, recorreu-se aos autores (SAVOLDI, CUNHA, 2010), (ALMEIDA, 2009), (FREITAS, FONTES, OLIVEIRA, 2008), (BRANDÃO, 1981), (SANTOS, 1979-2004), (KARL MARX, 1867), que trazem contribuições significativas para a compreensão da temática abordada. Desse modo, este trabalho está organizado nas seções: introdução, referencial teórico, metodologia, análise e discussões dos dados e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A reflexão tecida neste trabalho acerca da feira livre, com centralidade na feira livre de Mutãs, se fundamenta nos autores supracitados e quem tem propriedade na discussão sobre cultura e produção de saberes. Nesse sentido, a feira livre de Mutãs é um ritual e uma tradição que existe há décadas. Ela enriquece nossa vila, é mágica e nos proporciona momentos de muita paz, simplicidade, contato com a natureza e a beleza de histórias vividas por cada feirante. Nos relatos do público externo, podemos perceber o quanto é valiosa esta feira, pois é uma tradição que faz parte do cotidiano das pessoas: acordar aos sábados bem cedo e chegar naquela praça para desfrutar de um bem tão importante que faz parte do momento de lazer das pessoas.

Nesse contexto, Santos, (1979-2004) ressalta em seus trabalhos sobre o processo de urbanização dos países, a qual toma diversos tipos de atividades econômicas, processo este que se caracteriza pela divisão do espaço urbano em dois circuitos econômicos: O “Circuito superior” que engloba as atividades econômicas modernas e o “circuito inferior”, na qual sua atividade é para a economia e para a população local, pois é um trabalho com tecnologia pouco sofisticada. Desse modo, a feira livre é uma forte representação da cultura de uma cidade, e muitas vezes são deixadas de lado pelos representantes governamentais, que não auxiliam financeiramente para melhorar as condições de trabalho dos feirantes. Outrossim, Almeida (2009) destaca a importância da feira livre, tanto na cultura de um lugar, quanto como espaços educativos.

[...] as feiras inscrevem-se como espaços de mobilidades onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede educativa, de sociabilidades e culturas, vivenciadas pelos sujeitos sociais no âmbito dos territórios construídos. Esses sujeitos evocam uma multiplicidade de educações, territorialidades e sociabilidades ao apropriarem-se material e simbolicamente dos espaços [...] (ALMEIDA, 2009, p. 35).

Logo, a feira livre de Mutãs, além de ser fonte de renda para os feirantes, é um local de interação entre as pessoas, diálogos, vínculos de amizade, bem como de produção de saberes. Portanto, a sua existência é fundamental na cidade e na região, pois enriquece a cultura e contribui para a continuidade da tradição de famílias que rotineiramente participam da feira todos os sábados.

Além disso, ao longo deste trabalho firmamos nossa discussão e fundamentação nos teóricos (FREITAS, FONTES, OLIVEIRA, 2008), (SAVOLDI, CUNHA, 2010), (ALMEIDA,

2009) e (BRANDÃO, 1981), que trazem importantes conceitos a respeito da temática abordada. Sob esse viés, temos a concepção de feira livre, na qual (FREITAS, FONTES, OLIVEIRA, 2008) apontam que As feiras livres representam muito mais que uma atividade comercial, haja vista que elas dizem respeito, também, às práticas de um corpo social em determinado momento, pois exprime a produção do lugar e o trânsito de mercadorias. No Brasil, como em outros âmbitos sociais, as feiras são espaços de grande diversidade cultural. Ademais, (ALMEIDA, 2009, p. 27) também traz sua contribuição quando afirma que “As feiras são ocasiões vitais para o movimento não só de bens, mas de laços de toda a natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural”.

Outrossim, quando tecemos indagações sobre a agricultura familiar, (SAVOLDI, CUNHA, 2010, p. 28) afirma que a agricultura familiar é apontada “como um setor atrasado, do ponto de vista econômico, tecnológico e social, voltado para a produção de produtos alimentares básicos e com uma lógica de produção de subsistência”. Por fim, buscamos refletir sobre a feira livre como um espaço em que ocorrem troca e produção de conhecimentos, na qual apoiamos em (BRANDÃO, 1981), visto que em todos os âmbitos sociais, na rua, no supermercado, na igreja, na escola, na feira, somos envolvidos com a educação. Seja no convívio, no ensino e na aprendizagem, ela encontra-se intrinsecamente ligada às nossas vidas.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa e como instrumento de coleta de dados, recorreu-se a entrevista informal, na qual objetiva a exploração de perspectiva geral da problemática estudada, bem como a identificação de algumas características da personalidade do entrevistado. (GIL, 2008). A pesquisa teve início no dia 11/05/23, proposta pelo professor em sala de aula para a discussão e sistematização das ideias. No dia 27/05/23, num sábado, foi realizada a entrevista na feira livre de Mutãs com duração de três horas e no dia 15/06/23, este trabalho foi apresentado na sala de aula. Nesse sentido, foi formulado um roteiro prévio, mas que no decorrer da entrevista, não foi seguido de forma estruturada, visto que o objetivo da pesquisa foi

justamente aproximar-se de um diálogo em que os entrevistados respondessem as perguntas, mas que também ficassem à vontade para contar os seus relatos, vivências e experiências.

Nessa perspectiva, o estudo foi realizado na feira livre do distrito de Mutãs, Guanambi – BA, com feirantes e fregueses desta atividade comercial que desempenha um papel muito importante para a comunidade mutanense. Ao todo, foram entrevistadas seis pessoas, sendo quatro feirantes e dois clientes. Da categoria feirantes, foram ouvidos dois homens e duas mulheres com idades entre 48 e 79 anos, residentes do distrito e das regiões próximas a Mutãs. Os participantes foram identificados com os seguintes nomes fictícios: Joaquim, João, Fátima e Joana, Da categoria cliente ouvimos Helena e Alice, identificados com nomes comumente usados na comunidade. Desse modo, esta pesquisa seguiu os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, em que as pessoas entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) comprovando a plena vontade de participarem da pesquisa.

4 FEIRA LIVRE: LUGAR DE COMÉRCIO E COMPARTILHAMENTO DE SABERES

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO E RELAÇÕES COMERCIAIS

Nesta parte do trabalho, trazemos a reflexão a partir das narrativas dos/das participantes da pesquisa sobre a feira livre de Mutãs. As feiras livres representam muito mais que uma atividade comercial, haja vista que elas dizem respeito, também, às práticas de um corpo social em determinado momento, pois exprime a produção do lugar e o trânsito de mercadorias. No Brasil, como em outros âmbitos sociais, as feiras são espaços de grande diversidade cultural. (FREITAS, FONTES, OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, as feiras livres exercem um importante papel na dinâmica social e contribui consideravelmente, tanto na ação comercial que desempenha, quanto nas relações sociais que estabelece e que sucede trocas de saberes e produção de conhecimentos.

Sob esse viés, ao analisar a história da feira livre do distrito de Mutãs, não se sabe ao certo a sua origem. Todavia, segundo relatos dos feirantes João de 75 anos e Joaquim de 70 anos, que iniciaram o trabalho na feira por volta de 1962 e 1979, esta feira acontecia em um espaço onde o feirante Joaquim descreve que:

A feira era lá onde é a mercearia lá de Lúcia, era lá (mostrando com as mãos). De lá, a feira lá era muito bonita, era mais do que aqui. Um mercado feito de madeira. Era coisa lindo. Não tinha esse jardim aí no meio, aí não tinha esse jardim no meio. Era tudo, tudo... bonito. E a feira era lá e tinha um mercado aí. Aí daí nois vei pra qui pro meio, do mei da praça... dispois do mei da praça foi que o prefeito construiu aqui e troxe nois pra qui. (JOAQUIM, entrevista, 27/05/2023).

Ademais, percebe-se que, inicialmente, a feira se concentrava no meio da praça (FIGURA 1) e com o passar do tempo, por ação municipal, construiu-se o mercado de Mutãs em que a feira encontra-se estabelecida até os dias atuais (FIGURA 2).

Figura 1 – Feira livre de Mutãs no ano de 1983.



Fonte: Tereza Almeida, 1983.

Figura 2 – Feira livre de Mutãs nos dias atuais.



Fonte: Maria Clara, 27/05/2023.

Outro ponto importante observado, é que a princípio, a feira mutanense contava com uma quantidade maior de pessoas e ao decorrer dos anos, este fluxo reduziu consideravelmente,

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: **entre emergências
e insurgências**



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



16 a 19 de agosto

assim como relata o feirante João.

Muito mais... muito mais. Só as carradas de laranjas que vinha pra lá, só da fazenda serra... só de lá vinha cinco carro de boi carregado de laranja, quando dava uma hora da tarde ninguém tinha nada. Agora as de cá do Corcunda... vinha outros trazeno em sacos em cima dos jumentos ou um cavalo... Trazia os sacos e chegavam ai... aqueles sacos que machucavam, eles iam jogando pra lá... mais vendiam tudo... as bananas... que as pessoas chegavam ai com as bananas cabava logo... hoje não. Hoje eu trago quatro caixa de banana aqui e demora pra vender, oia aí (acenando com as mãos para os cachos de bananas em sua barraca). (JOÃO, entrevista, 27/05/2023).

Sob essa ótica, é notória a influência que a feira livre de Mutãs exercia naquele contexto, pois as relações comerciais ocorriam de uma forma considerável, na qual vinham barraqueiros e feirantes das localidades próximas como as fazendas Serra, Corcunda, Minador, Baixada, Larguinho, Barriguda, etc. e também de outras cidades como Candiba, Sebastião Laranjeiras e Guanambi, com a finalidade de venderem os seus produtos provenientes, em sua maioria, da agricultura familiar, como mamão, laranja, banana, melancia, milho, feijão, café, cheiro verde, maxixe, alface, etc. Transportados no dorso de cavalos e jumentos, bem como nas charretes e em carros de boi, que eram os meios de locomoção mais comuns daquela época. Também, como muitos feirantes não tinham suas respectivas bancadas, estes produtos eram vendidos, muitas vezes, nas próprias charretes, assim como narra o feirante Joaquim: “eu vendia na charrete, aí da charrete eu comecei colocar uma bancazinha, uma barraquinha, lá nesse lugar que eu tô falando com você (mostrando com as mãos). Aí... foi crescendo as barraca”. (JOAQUIM, entrevista, 27/05/2023). Além disso, também eram comercializados outros produtos, como roupas, pães, requeijão, doces, entre outros. Destes itens, o feirante Joaquim conta quais eram os mais vendidos em sua barraca:

E... depois que eu comecei aqui era requeijão e doce... só de uma cidade que tem aí perto de Brumado vinha 40 quilos de requeijão, aqui de Candiba tinha um que trazia 15 quilos, ele mora aí na estrada que vai pra Candiba, um trazia 10 quilos e o outro cinco quilos e uma hora da tarde eu não tinha nada.. Nada, nada eu vendia tudo, tudo. (JOAQUIM, entrevista, 27/05/2023).

Com este relato, comprova-se mais uma vez a importância da feira livre do distrito de Mutãs, haja vista as conexões traçadas entre a localidade e as cidades vizinhas naquele período. Além disso, cabe ressaltar as dificuldades e os desafios que, tanto os feirantes enfrentavam para carregar as suas mercadorias até o distrito de Mutãs, quanto às demais pessoas que iam fazer suas compras na feira, adversidades estas que aumentavam em épocas chuvosas, visto que os meios de transporte atolavam como bem diz o feirante João.

O que era ruim naquele tempo era quando chovia por que saía de carro de boi ou em outro carrinho de animal e chegava em um lugar estava atolando... e precisava chegar gente pra desatolar um carro porque não saía. De Candiba mermo já teve um que não passou na estrada... quem queria fazer uma feira tinha que sair de lá a pé e vim. (JOÃO, entrevista, 27/05/2023).

Em vista disso, a feira estrutura-se sobre muito trabalho. Segundo (KARL MARX, 1867, p. 326), “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”. Assim, ao viverem em sociedade, os seres humanos veem-se na necessidade de trabalhar para sobreviver, e a feira é um exemplo de trabalho árduo. Sob esse viés, para se tornar feirante, João pegou a tradição de sua família. “Oia... a minha mãe e o meu pai me ensinou a trabalhar...” (JOÃO, entrevista, 27/05/2023). Já Joaquim, por outro lado, afirma que se tornou feirante por escolha e decisão própria: “Não, foi porque eu quis, não tive ninguém”. (JOAQUIM, entrevista, 27/05/2023).

4.2 REALIDADE DA FEIRA LIVRE NOS DIAS ATUAIS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DISTRITO

No momento atual, o trabalho dos feirantes começa a partir de quinta - feira, em que iniciam a preparação das mercadorias para levá-las à feira que acontece unicamente aos sábados. Especificamente neste dia, os feirantes chegam ao mercado por volta das quatro horas da manhã para organizar os produtos em suas bancadas. “Na quinta - feira a gente já compra as coisas lá em Guanambi e compra as coisas de lá que vem tudo de Belo Horizonte e algumas coisas da minha roça que é o cheiro verde, alface, maxixe, couve...” (JOÃO, entrevista, 27/05/2023). Logo, depreende-se que os feirantes compram parte de sua mercadoria na cidade de Guanambi para revender e a outra parte destes itens é produzida em suas roças, por meio da agricultura familiar. Nesse sentido, a agricultura familiar, no entendimento de Neves (2012, p.33) “corresponde a formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e execução das atividades produtivas”.

Assim, o modo de produção familiar é passado de geração em geração entre os membros da família. Sob esse viés, no decorrer da pesquisa foi perceptível que algumas pessoas escolheram se tornar feirantes porque já produziam os seus mantimentos em suas propriedades. Este modo de produção, além de ser muito trabalhoso, assim como relata a feirante Fátima “é cansativo, porque tem que cortar os canteiros, adubar com esterco lá né, aí planta, espera nascer, aí tem que cobrir pra nascer, depois que nasce aí tem que capinar, Joelhar no chão capinando...” (FÁTIMA, entrevista,

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: **entre emergências
e insurgências**



UNEB
DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Gestão Educacionais
Paulo Freire

16 a 19 de agosto

27/05/2023), também é pouco valorizado como ela bem descreve.

“Não... não... não valoriza não, porque hoje a gente vende um pé de alface por três reais e tem gente que fala que é um absurdo, e não é né.. porque dá muito trabalho.. um pé de alface para ficar daquele jeito ali (mostrando com a mão) tem que molhar por 90 dias e a água mesmo vem 200 e tanto, 300 reais do bolso né, aí tem que vender essas coisas para poder cobrir aí o povo não dá o valor”. (FÁTIMA, entrevista, 27/05/2023).

De fato, a agricultura familiar sempre foi desvalorizada historicamente, pois é vista “como um setor atrasado, do ponto de vista econômico, tecnológico e social, voltado para a produção de produtos alimentares básicos e com uma lógica de produção de subsistência.” (SAVOLDI, CUNHA, 2010, p. 28). Todavia, é importante compreender que a agricultura familiar é muito importante para a dinâmica social, haja vista que no decorrer do processo histórico, continuamente conservou um lugar no contexto do crescimento econômico dos países por ser provedora de alimentos essenciais para o mercado interno. (SAVOLDI, CUNHA, 2010).

Além disso, a feira é um local essencial para quem quer consumir alimentos mais saudáveis e livres de agrotóxicos. Desse modo, ao irem às compras, as freguesas da feira de Mutãs destacaram esta preferência. “Ah, eu gosto mais de comprar na feira porque lá eu... encontro mais é... frutas e verduras mais próximas de ser orgânica e o pessoal que cultiva aqui perto, eles, muitas pessoas lá que são das barracas eles vendem frutas, os legumes dados nas próprias... roça deles lá no campo”. (ALICE, entrevista, 27/05/2023). Helena, que frequenta a feira desde os seus 14 anos de idade, também destaca o seu gosto pela feira. “A feira eu frequento porque eu gosto de comprar minhas coisinhas que tem na feira bom. Porque é tudo novo, se eu ir pro mercado é coisa lá mais velha, é por isso que eu gosto de vim na feira”. (HELENA, entrevista, 27/05/2023).

Por outra perspectiva, os comércios têm tomado o espaço das pequenas feiras, fato que está ocorrendo na feira livre do distrito de Mutãs, em que a feirante Fátima expressa o seu ponto de vista. “Na minha opinião, os mercadinhos só tinha que vender cereais... as outras coisas, acho que não precisava vender, carne... o açougue do mercado aqui acabou porque nos mercadinhos estão tendo carne né... então a tradição era o mercado.” (FÁTIMA, entrevista, 27/05/2023). Helena também concorda com Fátima, ao afirmar que os mercados estão interferindo na atividade da feira: “Ó. Não, interfere. Interfere porque tem gente do Baixio, da região onde eu nasci e criei que vem aqui na semana. No sábado não vem. Entendeu? Vem na semana”. (HELENA, entrevista, 27/05/2023). Em virtude disto, é notório que a feira mutanense apresenta uma quantidade menor de fregueses atualmente.

4.3 FEIRA LIVRE COMO ESPAÇO DE ENCONTROS E TROCA DE CONHECIMENTOS

Outrossim, a atividade da feira vai para além de uma ação comercial, pois ela também envolve trocas de conhecimentos e saberes. Segundo (ALMEIDA, 2009, p. 27), “as feiras são ocasiões vitais para o movimento não só de bens, mas de laços de toda a natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural”. Haja vista que,

Feirantes e fregueses apropriam-se desses espaços, protagonizando espetáculos de compra, venda e permuta de variados produtos, utilizando para isso um arsenal próprio de estratégias, gestos e linguagens relacionadas ao nutrir, dizer e fazer que colaboram para que a feira resista e sobreviva aos apelos modernos de compra/venda, aos encontros, às convivências. (ALMEIDA, 2009, p. 43).

Nessa perspectiva, ao relatar sobre a importância da feira livre de Mutãs, a freguesa Helena enfatiza sobre os laços de encontro. “Acho importante porque na feira até um amigo que tá com tanto tempo a gente encontra”. (HELENA, entrevista, 27/05/2023). Também, ela ressalta “Ó, aqui é muito bom ... tanto faz de aprendizagem, como de conhecer pessoas que a gente não conhece, como de ver coisa que a gente nem pensava de ver, gente vem na feira ver. Então eu gosto por causa disso”. (HELENA, entrevista, 27/05/2023).

Por conseguinte, compreende-se o quanto a feira é um importante espaço de relações e produção de conhecimentos entre os feirantes e os fregueses, pois, como bem diz (BRANDÃO, 1981), em todos os âmbitos sociais, na rua, no supermercado, na igreja, na

escola, na feira, somos envolvidos com a educação. Seja no convívio, no ensino e na aprendizagem, ela encontra-se intrinsecamente ligada às nossas vidas.

5 CONCLUSÃO

Como já foi ressaltada, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, que objetivou conhecer sobre a história, os costumes e os saberes da feira livre do distrito de Mutãs. Inicialmente, abordamos os contextos históricos relatados pelos feirantes mutanenses que nos explicou o início da sua participação na feira e como se deu o interesse em contribuir de forma significativa para essa tradição da comunidade local. Dessa forma, contextualizamos tais informações, relacionando com a feira atualmente, para sabermos quais foram as mudanças que ocorreram nesse período de tempo.

Ademais, conseguimos visualizar de forma explícita como a feira tem um significado afetivo na vida das pessoas que a frequentam e dos feirantes, como as relações que são estabelecidas nesse

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS **entre emergências
e insurgências**
FORMATIVOS:



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Ações Educativas
Paulo Freire

16 a 19 de agosto

meio são importantes, as amizades sinceras que tem o papel de compartilhar suas vivências diárias, pois afinal, a feira se torna um espaço de socialização para encontrar amigos e partilhar experiências, como técnicas de plantio e métodos de colheita como podemos visualizar em nossa visita ao espaço.

Além disso, a feira contribui para a economia local, pois o capital fica dentro da cidade, apesar de alguns feirantes ainda terem que se deslocarem para fazer compras de seus produtos em Guanambi, para revenda, muitos levam suas próprias produções e as vendem para moradores do distrito e em seguida, muitos desses feirantes passam no comércio local, para fazer compras com esse mesmo dinheiro.

Por fim, este trabalho trouxe outras curiosidades de estudar um pouco mais sobre como as relações de sociabilidade e os saberes acontecem neste espaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Montes Claros-MG, 2009. Disponível em:

<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/fazendo-a-feira.pdf4>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2013. 54 p. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf

FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce (orgs.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0914-8. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 29/05/2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2006. 2220 p. Disponível em:

<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>

MARX, K. **O Capital - Livro 1: crítica da economia política: O processo de produção do capital.** Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: **entre emergências
e insurgências**



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



16 a 19 de agosto

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>. Acesso em: 29 maio. 2023.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. *In*: CALDART, et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, p.32-40, 2012.

SAVOLDI, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 25-45, jan./jun. 2010. ISSN: 1981-089X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/articl>.

SOUZA, Carolina Rezende de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação . **Trabalho Necessário**, Ano 13, Nº 22, 2015. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario>. ISSN: 1808-799X.